



## Uma estranha história de amor

JOSEPH P. BLANK

**D**EPOIS das orações do pastor, o círculo de parentes e amigos que rodeavam as duas sepulturas se desfez, e o cortejo fúnebre afastou-se lentamente. Era difícil acreditar que apenas dois dias antes Kurt e Helga\* tivessem decidido ir de carro a Erfurt, na Alemanha Oriental, a fim de comprar groselhas para seu jardim.

\* Os nomes que figuram nesta história verídica foram alterados a pedido de familiares dos sobreviventes

Tinham deixado a filha de quatro anos, Anna, com o irmão mais novo de Kurt, Martin. Quando, na estrada, um pneu da frente rebentou e o carro se chocou contra um muro de concreto, o casal teve morte imediata.

Ao lado das sepulturas, Martin se abraçava a Anna, que chorava. A criança estava assustada, e não podia compreender que nunca mais veria seus pais. Martin olhava para os traços delicados de seu rosto, magro,

emoldurado por cabelos louros ondulados. Era tal qual a mãe, quando esta tinha quatro anos. Exatamente. Àquela época, 26 anos antes, Martin havia visto Helga apenas durante uns minutos, mas se lembrava perfeitamente da expressão aturdida e exausta de seu rosto.

OS PRIMEIROS dias de junho eram ainda frios ao longo da costa nordeste da Alemanha, precisamente ao sul da Dinamarca. Kurt de 14 anos e Martin de 13 tinham licença da mãe para ir brincar na sua praia favorita, mas ela lhes dissera: «Brinquem só à beiramar porque a água ainda está muito fria.» Martin era o mais vivo e destemido. Kurt era sério, pensativo, quase taciturno. A única emoção que deixava transparecer sem reservas era uma forte compaixão pelos seres em dificuldades. Frequentemente, levava para casa algum cão vadio ou um passarinho ferido.

Quando os rapazes chegaram à praia, viram três meninas gritando e agitando os braços na direção do mar. Eram as filhas de Heinz Meier, dono da maior fazenda da região. Ao largo, balançando ao sabor das ondas, avistava-se um barquinho amarelo de borracha. Dentro dele, dificilmente visível, estava Helga Muller de quatro anos. As meninas, apavoradas, contaram aos rapazes que o barquinho havia sido levado subitamente pelo forte vento, e que o irmão delas, de nove anos, tinha acabado de partir em busca de socorro.

Kurt disse: «São 45 minutos até a aldeia. Quando chegar o auxílio, o

barco já estará a caminho da costa dinamarquesa.» Então, tirou rapidamente a camisa, calças e sapatos, e disse para Martin: «Mantenha as meninas calmas!» Depois, entrou na água e mergulhou.

Martin tinha um relógio e passou a cronometrar seu irmão. Kurt levou 32 minutos para chegar ao barco. Martin via-o puxando ou empurrando o barco para terra — lutando contra um forte vento. Os socorros pareciam demorar uma eternidade. Finalmente, após uma hora e 44 minutos, Kurt estava já próximo da praia. Martin e as filhas de Meier entraram na água para ajudar. A mais velha envolveu a criança assustada em dois suéteres e correu para terra. Da aldeia ainda não chegara qualquer socorro.

Kurt sucumbiu, caindo com o rosto na areia. Martin virou-o e o friccionou com uma camisa seca. Seu rosto estava lívido, e os lábios roxos. Passados alguns minutos, Kurt perguntou: «Onde está a menina?»

«Levaram-na para casa. Você está bem?»

«Acho que sim. Vou só ficar aqui estendido, por uns instantes.»

Durante sua lenta caminhada para casa, Kurt contou a Martin sua provação. No momento em que ele alcançou o barco, Helga já estava com água até a cintura. Ele não subiu para o barco com medo de afundá-lo. Uma lata, atada a uma corda, pendia da borda do barco. Kurt desatou-a, entregou-a à criança e disse-lhe que fosse esgotando a água. Com a corda presa na mão, tentou nadar, mas pouco conseguiu contra as fortes ondas.

Depois, segurou a corda entre os dentes e nadou de costas. Quando estava cansado, passou por detrás do barco, agarrou-se a ele e bateu fortemente os pés até se sentir em condições de usar novamente os braços para nadar.

A todo momento, Kurt pensava que ele e a criança iriam morrer afogados, mas, sem saber como, conseguiu forças para chegar a terra.

As notícias do heróico salvamento de Kurt se espalharam rapidamente pela aldeia. Contudo, à medida que chegavam as felicitações, Kurt parecia cada vez mais triste. «Ele nunca disse nada», relembra a irmã mais velha, Iris, «mas eu sabia o que o estava preocupando: o velho Meier não lhe agradecera por ter salvo sua filha. A mãe de Helga teria vindo, se não estivesse morrendo num sanatório.

«Meier era um homem duro, que jamais deu mostras de conhecer Kurt. Ao fim de uma semana, Kurt pareceu vencer sua decepção. Nunca mais mencionou o salvamento.»

A SEGUNDA Guerra Mundial estava agora no auge, e a família de Kurt mudou-se da sua aldeia litorânea para Weimar, no interior da Alemanha.

Os anos se passaram. Iris casou. Martin também, e já é pai de dois filhos. Kurt é professor, continuando solteiro. (Martin costumava chamá-lo de *Hagestolz*—«solteirão inveterado».) Raramente tinha encontros amorosos ou ia a bailes. Sua distração era o xadrez, e tornara-se o melhor jogador dos cafés de Weimar. Tinha um áspero senso de humor e uma atitude

quase cínica, que Iris julgava ser um disfarce para esconder sua sensibilidade.

Em 1962 (vinte anos depois do salvamento de Helga), a mãe de Kurt, adoentada, resolveu visitar uns parentes em sua velha aldeia, que ficava agora na Alemanha Ocidental. Como era doente e tinha mais de 65 anos, o governo da Alemanha Oriental concedeu a Kurt um passe válido por três dias, a fim de acompanhá-la.

No segundo dia da sua estada na aldeia, Kurt foi até a praia onde salvara Helga. Sentado numa rocha, olhando o mar, compreendeu subitamente que não estava só. Uma jovem bronzeada e loura, de figura esguia e quase infantil, estava encostada a uma árvore.

Contra o que era habitual, Kurt dirigiu-se a ela para conversar. Espontaneamente, contou-lhe que tinha sido criado naquela aldeia, e que agora era sua primeira visita àquele lugar, após 20 anos. Começaram a caminhar ao longo da praia. «Sabe», disse Kurt, «minha mãe está aqui de visita a uns parentes já velhos e em casa eu me sinto mal. Vamos sair hoje à noite para dançar um pouco?»

Ela sorriu. «Por que não?», perguntou, quase impulsivamente. «Eu me chamo Helga Meier.»

Kurt parou subitamente. «A menina do barco amarelo! Há 20 anos! Lembra-se? Eu sou Kurt.»

Helga anuiu. «Ouvi dizer que você estava na aldeia. Já tinha vindo à praia três vezes, esperando encontrá-lo aqui. Queria agradecer-lhe.» Sua expressão se tornou sombria. «Não

vá me buscar em casa; nos encontraremos na encruzilhada.»

Naquela noite, Kurt e Helga não foram dançar — ficaram conversando. Helga estava deprimida. «Sempre senti vontade de agradecer-lhe», disse, «mas muitas vezes tenho perguntado a mim própria se não teria sido melhor você não me ter salvo naquela manhã. Acho que Meier nunca lhe agradeceu por pensar do mesmo modo. Sabe, ele julga que sou filha de outro homem. Não me pareço nada com meus irmãos, e ele nunca se comportou como um pai para mim.

«Os outros membros da família cumpriram suas ordens e me tratam como uma criada. Trabalho em casa e na fazenda, sem qualquer remuneração, e Meier está sempre me dizendo que sou filha ilegítima. Não tenho ninguém.»

No íntimo de Kurt, começava a manifestar-se um sentimento que ele nunca antes havia experimentado. Depois, abraçou Helga e beijou-a. «Tenho de partir amanhã», disse ele. «Venha comigo. Case comigo.»

Helga ficou surpreendida e comentou: «Mas você só me conhece há poucas horas.»

«Eu te conheço; e te amo.»

Então, em voz baixa, Helga disse: «Gosto muito de você. Acho que chegaria a amá-lo, mas não tenho certeza.» Sorriu para Kurt. «Sim, irei com você. Nada tenho a perder. Você é quem está correndo um risco.»

Na manhã seguinte, Kurt encontrou Meier em frente à enorme casa em que vivia. Apresentou-se (o nome não produziu qualquer reação em

Meier) e, em tom decidido, disse ao carrancudo fazendeiro que ia levar Helga a Weimar para casar com ela.

A notícia enfureceu Meier, mas Kurt manteve-se irredutível. «O senhor não pode me impedir. É difícil conseguir um visto para sair da Alemanha Oriental. Vou levar Helga comigo, agora.»

DE VOLTA a Weimar, Martin, surpreendido, não podia crer que Kurt (seu irmão reservado, prudente e solteirão) no prazo de 24 horas tivesse encontrado uma jovem, propondo-lhe casamento e a levando consigo. «E o que é mais inacreditável», disse Martin a sua esposa, «é a coincidência de ser essa mulher.»

O amor teve efeito mágico sobre Kurt. Suas reservas deram lugar à espontaneidade. Sorria francamente, e seu senso de humor passou de sarcástico a cordial.

Helga mudou mais lentamente. Durante os primeiros meses, mostrou-se envergonhada, retraída.

Gradualmente, porém, seus receios e dúvidas foram desaparecendo. Sorria mais — sorrisos discretos e naturais que davam mais beleza a seu rosto simpático. A explicação para sua mudança era fácil: tinha-se apaixonado pelo marido. No espaço de dois anos, Helga teve uma filhinha, Anna. Kurt se mostrava francamente orgulhoso pela mulher e pela filha.

O casal raramente se separava. Kurt deixou de freqüentar os cafés onde se reuniam os melhores jogadores de xadrez; não queria ficar longe da mulher e da filha. Ele nunca apre-

ciara o trabalho do campo, mas quando Helga decidiu tratar do jardim, Kurt se entregou avidamente a isso, em companhia dela. Espantado, Martin disse à mulher: «Nunca vi o amor modificar tanto um homem.»

Esse amor continuava a aumentar. Martin pôde verificá-lo na forma como eles se comunicavam através de um simples toque ou de um olhar. Mesmo em reuniões sociais, sempre se sentavam ao lado um do outro. Kurt não podia afastar os olhos da mulher, e Martin certa vez chamou sua atenção para esse fato. «Adoro olhá-la», confessou Kurt. «Ela se move com tanta beleza e graciosidade!»

«Meu Deus! Você está realmente apaixonado pela sua mulher!», disse Martin rindo.

Kurt sorriu abertamente para seu irmão, e acrescentou: «Para sempre!»

MARTIN relembra agora: «Esses foram os melhores anos de Kurt, e foram os mais felizes e alegres para todos nós. Quando Kurt e Helga partiram,

levaram com eles grande parte dessa felicidade e alegria.»

Num belo domingo de verão, um ano antes do acidente, as duas famílias se encontravam no jardim que Helga e Kurt tinham plantado. As mulheres estavam apanhando frutos; as crianças, brincando; Kurt e Martin se achavam sentados à sombra de um velho pinheiro retorcido repousando, em silêncio. Nisto, Kurt começou a conversar: «Sabe, antes de conhecer Helga, eu não estava descontente com minha vida. Sabia o que tinha, e isso me bastava. Contudo, não sabia o que estava perdendo.

«Foi então que Helga surgiu! Abriu-me um novo mundo. Talvez eu lhe tenha proporcionado o mesmo. Ela me fez conhecer o verdadeiro significado da vida. Agora, não consigo imaginar-me sem Helga.»

Fez uma pausa, e perguntou: «Você acredita que algumas coisas na vida estão predestinadas? É possível? Estaria eu predestinado a salvá-la, para ela ser minha mulher daí a 25 anos?»



UM MOTORISTA em Londres, ao voltar ao seu carro estacionado, viu que ele tinha sido seriamente amassado por outro, dirigido por uma senhora idosa.

«Que bom que o senhor voltou!», disse ela. «Só fico tranqüila quando tenho oportunidade de pedir desculpas.»

— UPI

UMA PROFESSORA recebeu o seguinte bilhete, justificando a falta de um aluno no período da manhã: «Por favor, desculpe a ausência de Billy. Tenho todos os outros filhos doentes, e, como preciso de cuidar deles e dar-lhes remédios, só às 11 horas é que descobri que um deles não estava doente e deveria ter ido à escola.»

— R. W. K.